

A INFLUÊNCIA DA EPÍGRAFE BÍBLICA EM O PIROTÉCNICO ZACARIAS, DE MURILO RUBIÃO: UMA LEITURA EM PERSPECTIVA COMPARADA

Rafael Paulino de Oliveira

Dra. Maria Eneida Matos da Rosa

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a função simbólica da epígrafe bíblica presente no conto “O Pirotécnico Zacarias”, de Murilo Rubião, por meio de uma leitura em perspectiva comparada da epígrafe em comunicação com o conto. A investigação propõe uma abordagem teórico-metodológica baseada na revisão bibliográfica, com ênfase na intertextualidade entre o texto literário e o excerto bíblico retirado do livro de Jó, capítulo 11, versículo 17. Parte-se da premissa de que a epígrafe, ao ocupar o limiar da narrativa, desempenha um papel estruturante na construção dos sentidos do conto, sendo interpretada não como mera ornamentação, mas como operador simbólico que estabelece um horizonte de expectativa, posteriormente subvertido pela trajetória do protagonista. O referencial teórico utilizado considera os conceitos de epígrafe, fantástico e insólito, explorando a articulação entre o discurso religioso e a ficção literária. A análise textual evidenciou que a citação bíblica projeta uma promessa de iluminação e transformação, a qual é sistematicamente negada pelo enredo, marcado por repetições, mortes cíclicas e ausências. A figura de Zacarias, ao explodir e ressurgir continuamente, encarna a contradição entre o sentido religioso bíblico e o absurdo de Rubião revelando o tensionamento entre expectativa da promessa da epígrafe e frustração recorrente no conto.

PALAVRAS-CHAVE: Epígrafe; Intertextualidade; Murilo Rubião; Narrativa Fantástica.

INTRODUÇÃO

A presença da epígrafe bíblica de Jó 11,17 no conto “O Pirotécnico Zacarias”, de Murilo Rubião, opera como elemento estruturante do enredo, ao mesmo tempo em que cria uma tensão entre o universo simbólico das Escrituras e o funcionamento interno da narrativa fantástica. Ao abrir o conto com a citação bíblica, Rubião insere um horizonte interpretativo que remete à ideia de renascimento e transformação, ainda que, no desenvolvimento da trama, esses conceitos assumam contornos ambíguos. Segundo Percino (2018), a epígrafe funciona como operador de sentido que dialoga diretamente com o percurso de Zacarias, cuja existência pós-morte não culmina em transcendência, mas em repetição e estagnação. A leitura simbólica da citação, especialmente ao se considerar as variações de tradução do original hebraico, revela deslocamentos semânticos que se refletem no paradoxo vivido pelo personagem. Lima (2015) destaca que a Bíblia, enquanto literatura, contém recursos ficcionais capazes de produzir

múltiplos efeitos de significação quando inseridos em textos literários seculares. Nesse sentido, a epígrafe não é apenas um ornamento textual, mas um dispositivo narrativo que promove fricções entre o sagrado e o insólito.

A configuração do conto, segundo Todorov (1980), enquadra-se no domínio do fantástico, pois provoca no leitor uma hesitação entre explicações racionais e irracionais para os eventos narrados. A epígrafe reforça essa ambivalência ao evocar uma promessa de luz e renovação, que contrasta com a experiência de Zacarias, preso em uma condição ontológica sem precedentes, onde a morte não representa fim, mas permanência. A dissonância entre o conteúdo esperançoso da citação e a trajetória do personagem acentua o efeito de estranhamento característico do gênero. Para Goulart (2002), a literatura de Rubião atualiza o fantástico com marcas do surreal e do absurdo, elementos que são intensificados pelo confronto com o discurso bíblico. A epígrafe, ao ser lida em paralelo com a narrativa, propõe um desvio simbólico que subverte sua função original de consolo espiritual, transformando-se em índice de desintegração do sentido. Assim, o texto sagrado é reconfigurado no espaço ficcional para produzir uma ironia estrutural que sustenta o paradoxo narrativo.

A análise comparada, conforme os pressupostos de Carvalho (2006), permite compreender como a inserção da epígrafe bíblica reconfigura a leitura do conto ao estabelecer uma rede de significações que transcende os limites formais do texto de Rubião. A epígrafe opera como matriz intertextual que orienta a expectativa do leitor, mas cuja realização na narrativa se dá por caminhos oblíquos. Nitrini (1994) argumenta que a literatura comparada deve considerar as interações simbólicas entre obras de naturezas distintas, sendo a epígrafe bíblica um exemplo privilegiado dessa articulação. A frustração do sentido messiânico da citação gera uma leitura crítica que reinterpreta o conteúdo religioso à luz da fabulação rubiana, marcada por circularidade, imobilismo e deslocamento do sagrado. O diálogo estabelecido entre o texto de Jó e a trajetória de Zacarias não busca reafirmação do mito, mas sua dissolução no imaginário do absurdo. A epígrafe, portanto, tensiona o conto desde seu limiar, constituindo um espaço de negociação entre tradição e ruptura.

Schwartz (2006), no posfácio à edição do centenário da Obra completa de Murilo Rubião publicada pela Companhia das Letras, em 2016, observa que a obra de Rubião explora os limites da realidade e da lógica narrativa, criando universos onde a existência é pautada por contradições. A epígrafe bíblica, ao ser colocada em posição de destaque na abertura do conto, antecipa uma promessa que nunca se concretiza, funcionando como armadilha interpretativa. O deslocamento da função religiosa para um uso literário não elimina seu poder simbólico, mas o submete a novas operações de sentido, como apontado por Ceia (2009), ao conceituar a epígrafe

como estrutura liminar que introduz o campo semântico da narrativa. A relação entre a luz prometida e a condição de Zacarias, condenado à repetição de sua morte, revela um mecanismo de inversão que estrutura toda a narrativa. Rubião (2016) constrói, assim, uma poética da suspensão e da ambiguidade, em que o sagrado comparece para ser redimensionado, não como salvação, mas como signo de desencanto e incompletude. A epígrafe deixa de ser afirmação para se tornar pergunta, deslocando a leitura para a zona do indizível.

A presente pesquisa propõe-se a investigar a seguinte questão: de que modo a epígrafe bíblica retirada do livro de Jó (11,17) interfere na construção de sentidos do conto “O Pirotécnico Zacarias”, de Murilo Rubião, considerando as possibilidades interpretativas abertas por uma leitura em perspectiva comparada entre os textos? Com base nesse propósito mais amplo, os objetivos específicos foram: (I) investigar os fundamentos teóricos da epígrafe enquanto recurso textual e suas funções interpretativas na literatura; (II) examinar as características do conto fantástico na obra de Murilo Rubião, com ênfase nas categorias do insólito, do realismo mágico e do surreal; e (III) discutir a inserção da epígrafe bíblica à luz da teoria da literatura comparada, analisando suas ressignificações dentro da narrativa rubiana.

A relevância da pesquisa reside na possibilidade de ampliar a compreensão sobre o papel da epígrafe como operador simbólico dentro da literatura brasileira contemporânea, especialmente em uma narrativa que subverte as expectativas tradicionais por meio de um enredo que desafia a linearidade, a lógica e os limites da existência. A escolha do conto de Murilo Rubião justifica-se por sua singularidade estética e pela presença explícita de uma epígrafe que convoca o leitor a um diálogo com o texto bíblico, abrindo espaço para articulações entre o sagrado e o absurdo, o transcendente e o grotesco. A análise comparada entre a epígrafe e a narrativa permite identificar tensões interpretativas, inversões de sentido e mecanismos de ambiguidade que fortalecem o estatuto do conto como exemplar da literatura fantástica, ao mesmo tempo em que propicia um estudo sobre os usos literários da Bíblia como matriz intertextual. Com isso, o trabalho contribui para o campo dos estudos literários ao propor uma reflexão crítica sobre a relação entre tradição e subversão na construção do sentido textual.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica desse trabalho estrutura-se a partir de três eixos centrais: (i) a concepção de literatura fantástica segundo Tzvetan Todorov (2010), (ii) a compreensão do projeto estético de Murilo Rubião à luz de sua própria reflexão autoral, especialmente na entrevista concedida a Elisabeth Lowe (1978), e (iii) o papel da epígrafe como operador

intertextual e interpretativo na construção do conto “O Pirotécnico Zacarias”. Tal abordagem permite compreender como o texto literário articula elementos do fantástico e da intertextualidade para produzir um campo de ambiguidade e tensão de sentidos.

No que concerne à definição do fantástico, toma-se como referência central a teoria de Todorov (2010), para quem o fantástico se caracteriza pela hesitação experimentada tanto pelo leitor quanto pelas personagens diante de acontecimentos que desafiam as leis naturais. Essa hesitação situa a narrativa em uma zona liminar entre o estranho (explicável racionalmente) e o maravilhoso (aceitação do sobrenatural). Segundo o autor, o fantástico não se define pela presença do sobrenatural em si, mas pela impossibilidade de decidir entre uma explicação racional ou sobrenatural dos fatos (TODOROV, 2010). Tal perspectiva é fundamental para a leitura do conto de Murilo Rubião, uma vez que a condição existencial do protagonista Zacarias — simultaneamente morto e ativo — instaura uma ambiguidade que impede qualquer resolução definitiva.

Essa indecisão interpretativa evidencia a natureza instável do real na narrativa fantástica moderna, na qual o insólito não rompe completamente com o cotidiano, mas nele se insere de modo naturalizado. No conto em análise, o extraordinário não é questionado de forma sistemática pelas personagens, o que intensifica o efeito de estranhamento e reforça a hesitação característica do fantástico explicado por Todorov (2010). Assim, a narrativa não se resolve nem no plano do maravilhoso nem no do estranho, permanecendo em suspensão, conforme o modelo teórico proposto por Todorov (2010).

A compreensão desse procedimento narrativo é aprofundada quando se considera a própria concepção de literatura de Murilo Rubião. Em entrevista concedida a Elisabeth Lowe, o autor afirma que seus contos não visam explicar o insólito, mas apresentá-lo como parte integrante da realidade narrativa, recusando interpretações fechadas ou alegóricas. Rubião destaca que seus textos operam por meio de uma lógica interna própria, na qual o absurdo e o inexplicável são aceitos como constituintes do universo ficcional, sem necessidade de justificativa racional. Essa perspectiva autoral reforça a leitura de sua obra como pertencente ao domínio do fantástico, uma vez que sustenta a ambiguidade e a ausência de explicação como princípios estruturantes da narrativa.

Nesse sentido, a fala do autor converge com a teoria de Todorov ao evidenciar que o fantástico se constrói menos pela ocorrência do sobrenatural e mais pela manutenção da dúvida. A recusa de Rubião em oferecer explicações para os acontecimentos narrados contribui para a permanência da hesitação, elemento essencial para a constituição do efeito fantástico. Assim, a

obra não conduz o leitor a uma interpretação unívoca, mas o mantém em um estado de suspensão interpretativa, no qual diferentes possibilidades de leitura coexistem.

Paralelamente à discussão do fantástico, a análise do conto exige a consideração do papel da epígrafe como elemento estruturante da narrativa. A epígrafe, entendida como um recurso intertextual inserido no limiar do texto, atua como um dispositivo de orientação interpretativa, estabelecendo um diálogo entre o texto literário e outro discurso anterior. Conforme apontam estudos sobre o tema, a epígrafe pode antecipar temas, sugerir interpretações ou tensionar os sentidos da narrativa que a sucede, funcionando como uma chave de leitura (HAYASHI, 2022).

No caso de “O Pirotécnico Zacarias”, a epígrafe bíblica retirada do livro de Jó (11,17) “E se levantará pela tarde sobre ti uma luz como a do meio dia; e quando te julgares consumido, nascerás como a estrela d’alva” (Rubião, 2016), projeta um horizonte de expectativa marcado pela promessa de luz, renovação e superação do sofrimento. No entanto, ao longo da narrativa, essa expectativa é progressivamente frustrada, uma vez que a trajetória do protagonista é caracterizada por repetição, ausência de redenção e instabilidade existencial. Essa discrepância entre o conteúdo da epígrafe e o desenvolvimento do enredo instaura uma relação de tensão que desloca o sentido original do texto bíblico.

Tal deslocamento evidencia o caráter intertextual da epígrafe, que não apenas introduz o conto, mas participa ativamente da construção de seus significados. Ao ser inserida em um contexto narrativo fantástico, a citação bíblica perde sua função tradicional de consolação e passa a operar como elemento de ambiguidade e ironia. Dessa forma, a epígrafe não confirma o sentido do texto, mas o problematiza, contribuindo para a instabilidade interpretativa que caracteriza o fantástico.

Essa leitura é corroborada pela análise do próprio material do trabalho, no qual se destaca que a epígrafe “projeta uma promessa de iluminação e transformação que é sistematicamente negada pelo enredo, marcado por repetições, mortes cíclicas e ausência de redenção”. Tal constatação reforça a ideia de que a epígrafe atua como operador simbólico que tensiona a narrativa, instaurando um descompasso entre expectativa e realização.

A fundamentação teórica aqui proposta permite compreender que o conto de Murilo Rubião se constrói na interseção entre o fantástico e a intertextualidade. A teoria de Todorov oferece o aparato conceitual para analisar a ambiguidade e a hesitação que estruturam a narrativa, enquanto a reflexão do próprio autor evidencia a intencionalidade estética de manter o insólito sem explicação. Por sua vez, a epígrafe bíblica funciona como elemento mediador entre diferentes discursos, ampliando o campo de significações e contribuindo para a

complexidade interpretativa do texto. Assim, a articulação entre esses três eixos — fantástico, projeto autoral e epígrafe — evidencia que “O Pirotécnico Zacarias” não apenas se insere na tradição da literatura fantástica, mas também a reinventa ao explorar a tensão entre sentido e ausência de sentido, entre promessa e frustração, consolidando-se como uma narrativa marcada pela ambiguidade estrutural e pela abertura interpretativa.

2.1 Murilo Rubião e o conto fantástico: autor, obras e antigo testamento

Murilo Eugênio Rubião nasceu em 1º de junho de 1916, em Silvestre Ferraz, atual Carmo de Minas, e faleceu em 16 de setembro de 1991, em Belo Horizonte. Formado em Direito, exerceu diversas atividades ao longo da vida, destacando-se como jornalista, funcionário público e intelectual atuante no cenário cultural mineiro. Desde cedo, envolveu-se com a imprensa e com a produção literária, fundando, ainda estudante, a revista Tentativa e colaborando com jornais e revistas. Sua trajetória profissional inclui cargos relevantes na administração pública e na área cultural, como a direção da Rádio Inconfidência e a criação do Suplemento Literário do Minas Gerais, importante veículo de difusão cultural no país. Essa atuação multifacetada revela não apenas o escritor, mas também o mediador cultural comprometido com a circulação da literatura.

Reconhecido como um dos principais nomes do conto fantástico no Brasil, Murilo Rubião é considerado precursor do realismo fantástico latino-americano, sendo sua obra marcada pela integração do insólito ao cotidiano. Sua produção literária, iniciada após tentativas na poesia, caracteriza-se por um rigoroso processo de escrita e reescrita, além de uma constante insatisfação com os próprios textos, o que contribuiu para uma obra relativamente enxuta, porém altamente elaborada. Seus contos foram amplamente traduzidos e adaptados para diferentes linguagens artísticas, consolidando sua relevância no cenário nacional e internacional. Ao longo da carreira, recebeu importantes premiações e teve sua produção reconhecida pela crítica, permanecendo, ainda hoje, como referência fundamental para os estudos do fantástico na literatura brasileira.

A obra literária de Murilo Rubião ocupa uma posição singular na literatura brasileira, sendo frequentemente considerada precursora da fantasia moderna e do realismo mágico no país. Sua coleção de apenas 33 contos caracteriza-se pela extrema concisão e por um meticuloso processo de reescrita, por meio do qual o autor buscava alcançar precisão estética e expressiva. Conforme observado por Camarani (2008), trata-se de uma obra “limitada”, submetida a um contínuo refinamento textual, o que destaca o cuidado estético do autor. Essa característica

também é reconhecida por Nunes (2022), que ressalta a prática consistente de “escrever e reescrever com grande tenacidade”. Nesta coletânea, os contos de Rubião exibem uma unidade temática marcada pela inserção do estranho na vida cotidiana, sem rupturas abruptas com a realidade.

Segundo Schwartz (1974), “eventos referencialmente antagônicos [...] se reconciliam pacificamente por meio da organização da linguagem”, atenuando a distinção entre o real e o irreal. Essa abordagem se desvia do modelo fantástico clássico baseado na hesitação, estabelecendo sua própria lógica interna, na qual o absurdo serve como constituinte narrativo. Outro aspecto central da obra de Rubião é o uso sistemático de epígrafes bíblicas, encontradas no início de quase todos os contos. Segundo Percino (2018), essas epígrafes podem ser vistas tanto como um “efeito de fratura” quanto como um “interrogatório”, transcendendo a mera ornamentação para funcionar como operadores de significado. Elas geram relações paradoxais entre promessa e frustração, realçando a natureza enigmática da obra. Entre os contos mais emblemáticos do autor está “O Pirotécnico Zacarias”, no qual se exemplificam os mecanismos da fantasia de Rubião. A história apresenta um protagonista que, mesmo após a morte, continua narrando sua própria história, criando uma situação incomum aceita sem questionamentos. Conforme destacado por Rezende (2024), essa mistura de realidade e fantasia constitui um aspecto fundamental do realismo mágico nas histórias do autor. Vale ressaltar que o conto é enquadrado por uma epígrafe bíblica (Jó 11:17), criando expectativas de iluminação e redenção.

No entanto, essa promessa é contrariada pela progressão narrativa caracterizada por repetições e ausência de redenção, estabelecendo uma tensão estrutural entre o discurso bíblico e a narrativa fantástica. Tematicamente, “O Pirotécnico Zacarias” expõe temas recorrentes na obra de Rubião, como a fragmentação existencial e a crise de sentido. Tendo por base Furuzato (2002), a obra de Rubião pode ser vista como uma expressão da fantasia moderna, entrelaçando vários níveis de transgressão e interpretação. Além disso, Aleixo (2008) afirma que o reino fantástico do autor impõe “elementos sobrenaturais aos acontecimentos cotidianos”, refletindo os conflitos e as dissonâncias do homem moderno. Consequentemente, a produção literária de Murilo Rubião surge como um empreendimento estético único, no qual a fantasia não rompe com a realidade, mas a remodela. Conforme sintetizado por Schwartz (2006), a fantasia em Rubião deixa de ser um quebra-cabeça a ser resolvido e torna-se parte integrante da realidade narrativa.

A recorrência das epígrafes bíblicas na obra de Murilo Rubião constitui um dos traços mais marcantes de seu projeto estético, sendo incorreta a premissa de que tais citações derivem exclusivamente do Antigo Testamento. Conforme demonstram os estudos críticos, o autor

produziu um conjunto reduzido e rigorosamente elaborado de 33 contos, todos acompanhados por epígrafes, das quais 27 provêm do Antigo Testamento e 6 do Novo Testamento, evidenciando uma ampla apropriação das Escrituras. Ainda que haja predominância de livros como Jó, Salmos e Provérbios, o recurso ao Apocalipse, aos Evangelhos e às epístolas paulinas indica que Rubião mobiliza diferentes tradições bíblicas como repertório simbólico. Tal procedimento confirma que as epígrafes não são elementos acessórios, mas constituem um sistema intertextual que atravessa toda a sua produção literária, funcionando como um “colarinho” estrutural que encabeça e orienta a leitura de cada narrativa (REZENDE, 2024).

A escolha sistemática da Bíblia relaciona-se diretamente à formação intelectual e à experiência pessoal do autor. Em entrevistas, Rubião reconhece que seu “mundo de ficção está muito relacionado com a Bíblia”, resultado de uma leitura constante e intensa desde a infância, marcada por forte religiosidade e inclinação ao misticismo (LOWE, 1979). Mesmo tendo posteriormente adotado uma postura agnóstica, essa herança permaneceu como fundamento de sua imaginação literária, sobretudo no que diz respeito às questões da eternidade, da morte e do destino humano. A crítica aponta, ainda, que a Bíblia lhe oferecia não apenas conteúdo temático, mas também um modelo estético, repleto de imagens poéticas, linguagem profética e estruturas simbólicas que contribuíram para a elaboração do insólito em sua obra (PERCINO, 2018). Nesse sentido, a influência bíblica aproxima-se daquilo que o próprio autor compreende como uma forma de naturalizar o fantástico, integrando o extraordinário ao cotidiano e produzindo uma reflexão existencial de caráter universal.

2.2 A epígrafe: definição e função no texto literário de Rubião

Uma epígrafe é um elemento adicional que consiste em uma inscrição, frase curta ou citação proeminente colocada no início de diferentes tipos de obras, como livros, capítulos, contos ou poemas. Seu propósito principal é oferecer suporte temático, resumir a essência ou definir o tema da obra, auxiliando na interpretação do leitor. Em termos de origem, a palavra tem raízes no grego *epigraphé* (ἐπιγραφή), passando pelo francês *épigraphe*, com o significado literal de “escrito acima” ou “inscrição” (Aulete; Michaelis). Originalmente, referia-se a inscrições encontradas em monumentos, pedestais, lápides ou fachadas. No contexto literário, a epígrafe possui uma natureza intertextual, podendo ser do próprio autor, de outro autor, falsamente atribuída ou anônima, e funciona como uma estratégia de comunicação que adianta, reforça ou questiona os temas essenciais do texto. Além do seu uso nas obras literárias, o termo também é empregado no campo jurídico para se referir ao texto introdutório de uma lei,

esclarecendo seus propósitos e data de vigência. Sintetizando, a epígrafe vai além de ser apenas um adorno, sendo um recurso retórico significativo que estabelece conexões entre a tradição cultural e a obra, ajudando na construção de significados e na análise crítica do texto (Salles, 2012; Michaelis; Aulete; Ceia 2009).

A epígrafe, quando inserida em textos literários, pode atuar como um recurso de antecipação interpretativa que orienta a leitura de forma simbólica. Sua escolha carrega sentidos que se expandem ao longo da narrativa, contribuindo para a construção de significados múltiplos que dialogam com o conteúdo textual. Conforme a abordagem teórica, esse dispositivo não atua como um simples ornamento, mas como uma chave de leitura para os temas a serem desenvolvidos no texto, estabelecendo um vínculo entre o universo da citação e a ficção subsequente (Ceia, 2009). Além disso, as epígrafes, sobretudo quando oriundas de textos religiosos, provocam deslocamentos interpretativos, ampliando o campo de possibilidades hermenêuticas (Lima, 2015). No caso do conto de Murilo Rubião, a citação de Jó 11,17 oferece um plano inicial de compreensão que será tensionado ao longo da narrativa de Zacarias. Essa estratégia de antecipação contrasta com o percurso existencial do protagonista, resultando em uma inversão de expectativas que transforma a epígrafe em operador crítico de sentido. Por esse motivo, o exame da epígrafe exige não apenas sua identificação literal, mas também sua articulação com a forma narrativa em que está inserida (Salles, 2012; Michaelis; Aulete; Ceia 2009).

3. ANÁLISES TEXTUAL, INTERTEXTUAL E COMPARADA

As análises textual, intertextual e comparada propostas neste estudo aborda inicialmente os conteúdos da narrativa do conto de Murilo Rubião em face ao texto da Epígrafe, o contexto do livro de Jó e a força exercida pela epígrafe no conto, tomando como base teórica as contribuições de Samoyault e Piglia para compreender as diferentes, intrínsecas e extrínsecas relações entre os textos bíblico e literário.

3.1 A história de “O Pirotécnico Zacarias” e do livro de Jó

O conto “O Pirotécnico Zacarias”, de Murilo Rubião, apresenta, em termos literais, a narrativa de um personagem que, após morrer em uma explosão — decorrente de sua própria atividade como pirotécnico —, continua a existir de maneira inexplicável, mantendo consciência, memória e capacidade de interação com o mundo ao seu redor. A narrativa é conduzida em primeira pessoa, o que permite ao leitor acompanhar diretamente a experiência

do protagonista diante de sua condição insólita: ele sabe que morreu, mas, paradoxalmente, permanece “vivo”.

Zacarias relata que sua morte ocorre de forma súbita e violenta, quando seu corpo é destruído pela explosão de fogos de artifício. No entanto, esse acontecimento não implica o fim de sua existência. Ao contrário, ele continua a se movimentar, a falar e a perceber o ambiente, ainda que sua condição não seja plenamente compreendida nem por ele nem pelos outros. A partir desse momento, sua existência passa a ser marcada por uma espécie de continuidade pós-morte, na qual ele não pertence mais plenamente ao mundo dos vivos, mas tampouco se integra ao domínio dos mortos.

Ao retornar ao convívio social, Zacarias encontra reações diversas por parte das pessoas: inicialmente, há espanto e curiosidade diante de sua presença, já que todos sabem que ele morreu. Com o tempo, porém, sua condição deixa de causar surpresa e passa a ser tratada com certa naturalidade, ainda que permaneça inexplicável. Essa adaptação gradual do meio social evidencia a incorporação do insólito ao cotidiano, sem que haja questionamentos aprofundados sobre sua causa. A narrativa também descreve a repetição do evento que marca a morte do protagonista: Zacarias continua exercendo sua atividade de pirotécnico e, em diferentes ocasiões, volta a explodir, experimentando novamente a destruição do corpo. Ainda assim, após cada explosão, ele retorna à mesma condição anterior, mantendo sua consciência e continuidade existencial. Essa repetição cíclica da morte constitui um dos elementos centrais do enredo, configurando uma existência marcada pela recorrência do mesmo acontecimento.

Ademais, Zacarias menciona sua tentativa de compreender sua própria condição, mas não encontra explicações satisfatórias. Ele reconhece a singularidade de sua situação, mas não a questiona de forma metafísica ou filosófica; limita-se a descrevê-la como um fato. Sua narrativa, portanto, assume um tom descritivo, registrando os acontecimentos e suas consequências sem buscar interpretá-los em profundidade. O conto apresenta a história de um homem que morre em um atropelamento, mas continua existindo, convivendo com os outros e repetindo continuamente o evento de sua própria morte, sem que essa condição de vivo-morto, ou morto-vivo, encontre explicação e resolução ao longo da narrativa.

No Livro de Jó, conforme a tradução de Pe. Antônio Pereira de Figueiredo (1950) é a da epígrafe citada por Rubião (1974; 2016) — marcada por uma linguagem solene e arcaizante herdada da tradição da Vulgata (tradução da Bíblia em grego antigo para o latim feita por Jerônimo) — apresenta-se como uma narrativa de caráter “sapiencial” que articula, em termos literais, a experiência do sofrimento humano em confronto com a justiça divina. Estruturalmente, o texto organiza-se em prólogo narrativo, diálogos poéticos, discursos

teológicos e epílogo restaurador, constituindo um percurso dramático que problematiza a lógica retributiva tradicional. No prólogo, Jó é introduzido como um homem exemplar, descrito como “íntegro, reto e temente a Deus”, possuidor de grande riqueza material e familiar. Tal caracterização inicial estabelece o paradigma do justo recompensado, típico da tradição sapiencial veterotestamentária. Entretanto, essa ordem é subvertida quando, no plano celeste, ocorre o diálogo entre Deus e Satanás, no qual este último questiona a autenticidade da fidelidade de Jó, alegando que sua justiça decorre apenas da prosperidade de que desfruta. A partir desse desafio, Deus permite que Jó seja provado, primeiro em seus bens e, posteriormente, em sua própria saúde, inaugurando o núcleo dramático da narrativa.

As provas sucedem-se de forma abrupta: Jó perde seus rebanhos, servos e, por fim, seus filhos, mortos pela queda de uma casa atingida por um vento impetuoso. Ainda assim, sua reação inicial é de submissão e reverência: aceita a perda sem blasfemar, reconhecendo a soberania divina. Em seguida, na segunda prova, é acometido por uma enfermidade que o cobre de úlceras, levando-o a uma condição extrema de sofrimento físico e degradação social. Mesmo diante da sugestão de sua esposa para que amaldiçoe a Deus, Jó reafirma sua fidelidade, evidenciando a permanência de sua integridade moral.

A partir desse ponto, a narrativa desloca-se para uma dimensão discursiva e reflexiva, iniciada pela lamentação de Jó, que amaldiçoa o dia de seu nascimento e questiona o sentido da existência, sem, contudo, renunciar à relação com Deus. Em seguida, desenvolve-se o extenso ciclo de diálogos com seus amigos — Elifaz, Bildad e Zofar — que defendem a doutrina da retribuição, segundo a qual o sofrimento é consequência direta do pecado. Em oposição, Jó insiste em sua inocência e denuncia a inadequação dessa lógica diante de sua experiência concreta. Nesse contexto, destaca-se o discurso de Zofar, no qual se insere o versículo que serve de epígrafe ao conto “O Pirotécnico Zacarias”: uma promessa de restauração imediata ao justo arrependido, marcada pela imagem da luz que surge após a aflição.

Contudo, conforme se observa na progressão da narrativa, tal promessa revela-se simplificadora e insuficiente para explicar o sofrimento de Jó. A tensão entre a expectativa de restauração e a persistência da dor constitui o eixo central do conflito. Como aponta a crítica, a epígrafe bíblica, ao projetar uma promessa de transformação e iluminação, pode ser compreendida como um horizonte de expectativa que, no interior de determinadas releituras literárias, tende a ser subvertido ou problematizado. No próprio Livro de Jó, essa subversão ocorre quando se evidencia que o sofrimento não decorre de culpa moral, mas de um desígnio divino incompreensível à razão humana.

A narrativa avança com o agravamento do conflito, intensificado pela intervenção de Eliú, que propõe uma interpretação intermediária, segundo a qual o sofrimento teria função pedagógica. Todavia, essa explicação também não resolve a questão fundamental. A resposta definitiva ocorre apenas com a manifestação de Deus, que fala a Jó a partir de um redemoinho. Em vez de oferecer uma explicação direta para o sofrimento, Deus interpela Jó com uma série de perguntas sobre a criação do mundo, evidenciando a limitação do conhecimento humano diante da complexidade do universo. Esse deslocamento do plano moral para o plano ontológico marca o ponto culminante da narrativa.

Diante dessa revelação, Jó reconhece sua insuficiência e declara que seu conhecimento anterior de Deus era indireto, passando agora a uma experiência imediata e transformadora. O epílogo, por sua vez, restabelece a ordem inicial: Deus repreende os amigos de Jó por suas interpretações equivocadas e restaura a prosperidade do protagonista, concedendo-lhe o dobro dos bens e uma nova descendência. No entanto, essa restauração não deve ser compreendida como simples confirmação da lógica retributiva, mas como consequência de um processo de transformação interior mediado pelo encontro com o divino.

Assim, em termos literais, o Livro de Jó narra a trajetória de um justo submetido a provações extremas, cuja experiência desestabiliza a concepção tradicional de justiça divina. A narrativa não oferece uma explicação racional para o sofrimento, mas conduz o leitor a reconhecer sua dimensão enigmática e a centralidade da relação entre o homem e Deus. Desse modo, o texto bíblico, ao articular elementos narrativos e poéticos, constrói uma reflexão complexa sobre a condição humana, cuja força reside precisamente na tensão entre expectativa, sofrimento e transcendência.

3.2 A epígrafe em face ao conto: Semelhanças, divergências e aproximações entre Zacarias e Jó

A epígrafe bíblica inserida por Murilo Rubião no início de “O pirotécnico Zacarias” constitui um operador intertextual decisivo para a construção dos sentidos do conto, pois articula o universo sagrado do Livro de Jó à lógica fantástica e agnóstica da narrativa rubiana. Extraída de Jó 11,17, na tradução de Pe. Antônio Pereira de Figueiredo — “E se levantará pela tarde sobre ti uma luz como a do meio-dia; e quando te julgares consumido, nascerás como a estrela-d’alva” —, a citação pertence ao discurso de Zofar, personagem que defende a restauração do justo mediante a submissão à ordem divina. No entanto, ao ser deslocada para o conto, essa promessa deixa de operar como horizonte de redenção e passa a funcionar como signo ambíguo, marcado pela efemeridade, pela instabilidade ontológica e pelo absurdo

existencial (RUBIÃO, 2016, p. 7). Nessa perspectiva, a epígrafe não atua apenas como adorno paratextual, mas como estrutura simbólica que projeta uma expectativa de iluminação posteriormente frustrada pelo enredo.

Tal procedimento pode ser compreendido à luz da concepção de conto formulada por Piglia (2004), segundo a qual toda narrativa breve articula simultaneamente duas histórias: uma visível e outra secreta. Em “O pirotécnico Zacarias”, a história aparente é a de Simplício Santana de Alvarenga, morto por atropelamento e transformado, de maneira insólita, em Zacarias, um sujeito que continua a existir após a própria morte. A história secreta, por sua vez, remete ao drama mais profundo de um ser lançado em uma existência absurda, sem explicação causal e sem possibilidade de retorno a uma ordem estável. Nessa duplicidade, a epígrafe bíblica funciona como ponto de contato entre as duas camadas narrativas, pois convoca a memória do Livro de Jó e sugere, desde o limiar do texto, uma leitura pautada pela dor, pela perda e pela expectativa de superação. Do mesmo modo, Samoyault (2008) permite compreender a citação como palimpsesto: o texto bíblico é reaproveitado, mas não preservado em sua integridade semântica; ao contrário, é reescrito pela lógica do fantástico, sofrendo inversão de valor e deslocamento de função.

As aproximações entre Zacarias e Jó tornam-se evidentes quando se observam, em primeiro lugar, as experiências de ruptura que ambos vivenciam. Jó é apresentado no texto bíblico como homem “íntegro e reto”, subitamente lançado à perda de bens, filhos e saúde, sem que lhe seja atribuída culpa moral. Sua trajetória começa, portanto, com uma quebra brusca da ordem retributiva tradicional. Zacarias, embora situado em um universo secularizado e grotesco, também experimenta um colapso injustificado: morre de forma banal, na Estrada do Acaba Mundo, e, em vez de alcançar o repouso dos mortos, permanece preso a uma condição intermediária, nem vivo nem propriamente morto. Em ambos os casos, a experiência central é a da perda radical de estabilidade, isto é, a passagem de uma condição ordinária para outra marcada pela precariedade do ser.

Outrossim, tanto Jó quanto Zacarias enfrentam a desorientação como forma de experiência fundamental. Jó, após ser atingido pelo sofrimento, amaldiçoa o dia do próprio nascimento e formula perguntas que colocam em crise a lógica da justiça divina. Zacarias, por sua vez, confessa não saber “quem eu era, nem de onde vinha” (RUBIÃO, 2016, p. 11), revelando a desagregação de sua identidade logo após a morte. Se, no texto bíblico, a desorientação se manifesta como crise espiritual e existencial diante da inexplicabilidade da dor e sofrimento, no conto de Rubião ela assume forma ontológica mais radical, porque a dor que se apresenta é a dor de “não ser”, devido a própria categoria do ser tornar-se instável. Nesse

ponto, a semelhança entre os personagens reside no fato de que ambos são confrontados com uma realidade que não se deixa enquadrar pelas estruturas ordinárias de compreensão.

As divergências entre as duas narrativas são ainda mais significativas, sobretudo no que diz respeito ao destino final dos protagonistas. No Livro de Jó, apesar da longa travessia pelo sofrimento e pelo silêncio, há um movimento que conduz à revelação divina e, posteriormente, à restauração. Ainda que o texto não reduza esse desfecho a uma simples lógica de recompensa, o epílogo reinscreve Jó em uma ordem inteligível, marcada pela recuperação dos bens, pela nova família e pela longevidade. Como destacam as leituras contemporâneas do texto bíblico, tal restauração deve ser entendida menos como pagamento automático pelo sofrimento do que como dádiva que sucede ao encontro com o mistério divino. Já em “O pirotécnico Zacarias”, não há restauração possível. O protagonista continua aprisionado em uma existência liminar e circular, sem transcendência, sem redenção e sem qualquer voz superior que organize o sentido de sua condição. Assim, onde Jó alcança algum tipo de recomposição, Zacarias permanece na repetição do impasse.

Essa divergência se explicita de modo particularmente agudo na imagem da luz, central tanto na epígrafe quanto na cena da morte de Zacarias. Em Jó 11,17, a luz simboliza a superação da aflição, a passagem da sombra à plenitude. No conto, porém, a luz aparece apenas como espetáculo pirotécnico, isto é, como fenômeno visual intenso, mas fugaz, ligado diretamente ao momento da destruição do corpo. O episódio é descrito em uma sequência de cores e explosões: “Ao meu lado dançavam fogos de artifício, logo devorados pelo arco-íris. [...] A princípio foi azul, depois verde, amarelo e negro. Um negro espesso, cheio de listras vermelhas” (RUBIÃO, 2016, pp. 10-11). Tal luminosidade, longe de anunciar renascimento, revela-se índice de combustão, desintegração e efemeridade. A promessa bíblica da claridade que sucederia ao sofrimento é, desse modo, convertida em clarão sem transcendência. A luz não ilumina um caminho de sentido, mas apenas torna mais visível o absurdo da condição do personagem.

Nessa operação, Rubião subverte o conteúdo teológico da epígrafe e a reinscreve em uma economia narrativa marcada pela ironia. Percino (2018) observa que as epígrafes bíblicas na obra rubiana frequentemente tensionam o texto em vez de explicá-lo, funcionando como dispositivos de instabilidade semântica. Ceia (2009), por sua vez, ao discutir a natureza liminar da epígrafe, mostra que ela ocupa um espaço entre o dentro e o fora do texto, o que lhe permite antecipar, contradizer ou desmentir o conteúdo narrativo. Em “O pirotécnico Zacarias”, a epígrafe promete superação, mas a narrativa oferece repetição; anuncia claridade, mas entrega opacidade; sugere redenção, mas culmina em irresolução. A consequência é que a citação bíblica deixa de ser garantia de sentido e passa a ser mecanismo de sua corrosão. A aproximação

mais profunda entre Zacarias e Jó, portanto, não se dá no plano do desfecho, mas no da pergunta que ambos encarnam. Os dois personagens são figuras de crise, sujeitos cuja existência é atravessada por uma perda sem explicação adequada. No entanto, enquanto Jó ainda inscreve sua dor em um horizonte em que a interlocução com Deus é possível, Zacarias habita um universo dessacralizado, no qual a pergunta permanece sem resposta e a experiência do sofrimento não conduz a qualquer revelação. Ao final do livro bíblico, Jó pode afirmar: “Eu te conhecia só de ouvir; agora, porém, te veem os meus olhos” (Jó 42,5). Zacarias, em contrapartida, intensifica sua perplexidade ao declarar: “Só um pensamento me oprime: que acontecimentos o destino reservará a um morto se os vivos respiram uma vida agonizante?” (RUBIÃO, 2016, p. 14). A fala final do pirotécnico não aponta para descoberta, mas para a expansão indefinida da dúvida. Sob esse aspecto, a epígrafe evidencia a passagem de um universo teológico para um universo fantástico. Todorov (1980) entende o fantástico como experiência de hesitação entre o natural e o sobrenatural; em Rubião, porém, essa hesitação tende a ser naturalizada, pois o insólito é incorporado ao cotidiano sem escândalo duradouro. O morto continua falando, troca de roupas, participa da vida social, e a própria morte passa a coexistir com gestos banais.

A epígrafe bíblica intensifica esse efeito ao introduzir, desde o início, um enunciado de forte densidade simbólica que, em vez de estabilizar a leitura, multiplica suas ambiguidades. Schwartz (2006) identifica justamente nessa aproximação entre linguagem elevada e situação absurda uma das marcas decisivas da ficção de Rubião. Lima (2015), ao discutir a Bíblia como literatura, argumenta que sua inserção em contextos ficcionais seculares não implica simples dessacralização, mas reinscrição de sua matéria verbal em novos sistemas de significação (Lima, 2020). É precisamente isso que ocorre em “O pirotécnico Zacarias”: Rubião não cita Jó para confirmar a verdade do versículo, mas para demonstrar sua falência diante da experiência moderna do absurdo. A epígrafe preserva sua forma solene, mas perde a eficácia salvífica. O que permanece é sua potência literária enquanto signo deslocado, agora submetido à lógica do fantástico e à visão agnóstica do autor (Lima, 2023).

Em síntese, a relação entre Zacarias e Jó organiza-se por meio de um jogo complexo de semelhanças e divergências. Ambos são personagens atingidos por uma ruptura radical da ordem; ambos experimentam a perda, a desorientação e a crise do sentido. No entanto, enquanto Jó ainda encontra, ao final, um horizonte de recomposição diante do mistério divino, Zacarias permanece aprisionado em uma existência circular, ambígua e sem resolução. A epígrafe de Jó 11,17, nesse contexto, não funciona como chave de confirmação, mas como espelho invertido do conto: promete luz e oferece combustão, anuncia renascimento e entrega repetição, sugere

transcendência e produz absurdo. É justamente nesse descompasso que reside sua força crítica e sua centralidade estrutural na narrativa de Murilo Rubião.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da epígrafe bíblica em “O Pirotécnico Zacarias” permite compreender como a presença de um enunciado sagrado no limiar da narrativa amplia e tensiona os sentidos do conto. A citação retirada do livro de Jó opera como um elemento simbólico estruturante, que propõe uma expectativa de superação do sofrimento e de renovação existencial. No entanto, à medida que a trama se desenvolve, observa-se uma inversão dessa promessa, pois o protagonista é conduzido a uma existência marcada pela repetição e pela multiplicidade da morte. Essa contradição revela que a epígrafe, em vez de orientar a leitura no sentido da transcendência, atua como recurso de frustração e ambiguidade. O conto, assim, se constrói a partir de uma tensão contínua entre o sagrado e o fantástico, sem jamais permitir uma resolução clara.

No confronto entre epígrafe e enredo, a narrativa subverte a lógica redentora do texto bíblico e questiona a eficácia de promessas de luz ou libertação diante da condição absurda do sujeito contemporâneo. A epígrafe, que tradicionalmente cumpriria uma função de antecipação e direcionamento temático, é esvaziada em sua pretensa universalidade e convertida em signo instável. A promessa de um amanhã claro e luminoso não se concretiza em Zacarias, que vive uma jornada paradoxal, sempre interrompida por sua própria combustão. A circularidade da narrativa, com suas múltiplas mortes e reinícios, contradiz a linearidade da redenção sugerida pela epígrafe, configurando uma estrutura que desconstrói a lógica causal e finalista do discurso religioso.

Ao mesmo tempo, a presença da epígrafe como operador simbólico reforça a complexidade da obra de Murilo Rubião, que manipula elementos da tradição religiosa e literária com o intuito de promover rupturas interpretativas. A epígrafe atua como um portal intertextual que convoca o leitor a revisitar sentidos estabelecidos, mas o faz apenas para expor sua fragilidade. O conto apresenta uma articulação entre linguagem e simbolismo que evidencia a falência de narrativas redentoras diante do fantástico e do absurdo. Essa fricção entre promessa e frustração não apenas desloca a função da epígrafe, mas também insere o texto em um campo literário em que os limites entre o sagrado e o profano, o literal e o alegórico, tornam-se cada vez mais indiscerníveis.

Essa leitura revela ainda a importância da literatura comparada como método para iluminar as relações entre textos de diferentes matrizes culturais e discursivas. O confronto entre o texto bíblico e a narrativa ficcional permite identificar processos de reconfiguração simbólica que vão além da simples citação ou referência. A epígrafe se inscreve no conto como uma camada discursiva que tensiona o pacto ficcional e desafia o leitor a interpretar os sentidos em jogo. A inversão operada por Murilo Rubião, ao transformar uma promessa de luz em um ciclo de apagamentos, reafirma o poder da literatura de deslocar significados e de operar contra expectativas fixas. Nesse sentido, a epígrafe não perde sua força; ela a converte em campo de disputa semântica.

Desse modo, também, à luz da reflexão proposta por Kathrin Saringen (1993), a obra de Murilo Rubião desloca o modelo clássico do fantástico, tal como formulado por Tzvetan Todorov, ao integrar o insólito ao cotidiano sem recorrer à hesitação como princípio estruturante. Segundo Saringen (1993), o universo rubiano dissolve as fronteiras entre real e irreal, instaurando uma lógica interna em que o extraordinário se naturaliza. Essa perspectiva é corroborada pelo próprio Rubião, ao afirmar que, no fantástico moderno, há uma “necessidade do escritor impor a sua irrealidade como se fosse real”, de modo que o leitor passe a duvidar da própria realidade em que vive (LOWE, 1978). Nesse contexto, os elementos paratextuais assumem função decisiva na construção do sentido, especialmente as epígrafes bíblicas, que, longe de operarem como simples introdução temática, participam ativamente da dinâmica interpretativa da narrativa. Como demonstra Percino (2018), as epígrafes em Rubião podem funcionar como “efeito-fratura” e “interrogação”, instaurando um campo de significações instáveis e abertas. O próprio autor reconhece a centralidade desse recurso ao afirmar que seu “mundo de ficção está muito relacionado com a Bíblia” e que, muitas vezes, só encontra a epígrafe ao final do conto, como se texto e citação se determinassem mutuamente. Por isso, a epígrafe bíblica em “O Pirotécnico Zacarias” configura-se como um dispositivo liminar que orienta o horizonte de expectativa do leitor, ao mesmo tempo em que o subverte, produzindo uma tensão entre promessa simbólica e frustração narrativa. Tal procedimento evidencia que, no interior da poética rubiana, a epígrafe não estabiliza o sentido, mas contribui para a constituição de uma ambiguidade estrutural, na qual o sagrado é reconfigurado como elemento de estranhamento, porque se distancia da iluminação de Deus, e problematização do real cotidiano.

Em conclusão, a epígrafe bíblica em “O Pirotécnico Zacarias” não apenas participa da construção simbólica do conto, mas atua como vetor de subversão e crítica. A partir dela, o texto estabelece um diálogo com tradições discursivas distintas, articulando uma estrutura

narrativa que problematiza os fundamentos do sentido, da fé e da identidade. A leitura comparada evidencia como a intertextualidade pode servir como instrumento de desestabilização, ampliando as possibilidades hermenêuticas e convocando o leitor a um engajamento crítico. O conto de Rubião, portanto, se inscreve em uma tradição literária que recusa a completude e abraça a multiplicidade, fazendo da epígrafe não um ponto de partida seguro, mas uma provocação à leitura e ao pensamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEIXO, Sandra Elis. O universo fantástico de Murilo Rubião. *Revista Trama*, v. 4, n. 8, p. 187-198, 2008.
- AULETE. Epígrafe. In: *Dicionário Caldas Aulete*. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/epígrafe>.
- BRUNEL, Pierre; PICHOIS, Claude; ROUSSEAU, André M. Que é literatura comparada? Tradução: Célia Berrettini. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- CAMARANI, Ana Luiza Silva. Murilo Rubião e o realismo mágico. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2008.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 2006.
- CEIA, Carlos. EPÍGRAFE. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/epigrafe>. Acesso em: 4 fev. 2025.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan Petru (org.). *Dicionário de símbolos*. Tradução: Silvana Cobucci; Leonardo A. R. T. dos Santos. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2024.
- FANTÁSTICO. In: MICHAELIS, Michaelis On-Line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=XVqp>. Acesso em: 4 fev. 2025.
- FURUZATO, Fábio Dobashi. A transgressão do fantástico em Murilo Rubião. 2002. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- GOULART, A. T. O fantástico Murilo Rubião. *ITINERÁRIOS – Revista de Literatura*, n. 19, p. 15–24, 1 jan. 2002.
- LIMA, Anderson de Oliveira. A bíblia como literatura – a bíblia como ficção. *Estudos de Religião*, v. 29, n. 1, p. 155–168, jan./jun. 2015.
- _____. A Bíblia como literatura no Brasil. *Revista Caminhando*, v. 25, n. 1, p. 199–212, jan./abr. 2020.
- _____. Ler a Bíblia como literatura: sobre a dessacralização de um texto fundamental. *Classica*, v. 36, 2023. DOI: <https://doi.org/10.24277/classica.v36.2023.1005>.
- MICHAELIS. Epígrafe. In: *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/epígrafe/>.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- NITRINI, Sandra. Teoria literária e literatura comparada. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 473–480, 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9743>. Acesso em: 12 dez. 2024.

NUNES, Sandra. Murilo Rubião: uma trajetória com o insólito. Disponível em: <https://murilorubiao.com.br/wp-content/uploads/2022/08/Murilo-Rubiao-uma-trajetoria-com-o-insolito-Sandra-Nunes.pdf>

PERCINO, Eziel Belaparte. Epígrafes bíblicas em Murilo Rubião. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, São Paulo, n. 20, p. 205-221, jul. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2018i20p205-221>. Acesso em: 5 fev. 2025.

PIRES, Maria da Natividade. SURREALISMO. In: CEIA, Carlos. E-Dicionário de termos literários. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/surrealismo>. Acesso em: 4 fev. 2025.

REZENDE, Miriany Mariana. As intertextualidades bíblicas e o realismo mágico nos contos de Murilo Rubião. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.5026>.

RUBIÃO, Murilo. O pirotécnico Zacarias. São Paulo: Editora Ática, 1974.

_____. O pirotécnico Zacarias. In: RUBIÃO, Murilo. Murilo Rubião: obra completa. Edição do centenário. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. cap. 1, p. 7-14.

LOWE, Elizabeth. Entrevista com Murilo Rubião. Chasqui, v. 7, n. 3, p. 24–33, 1978. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/29739437>.

SALLES, Rosemary. Paratextos editoriais. Scriptor, Foz do Iguaçu, ano 3, n. 3, p. 19-63, 2012. Disponível em: https://repositorios.org/jspui/bitstream/123456789/8909/1/05_Paratextos%20Editoriais_SALLES_Rosemary.pdf.

SARTINGEN, Kathrin. As pirotecnias de Murilo Rubião. Revista de Letras, v. 33, p. 229-236, 1993. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40542120>.

SCHWARTZ, Jorge. O pirotécnico Zacarias: posfácio. São Paulo: Companhia das Letras, 2006a.

_____. Murilo Rubião: um clássico do conto fantástico. [S.l.: s.n.], 2006b.

_____. O fantástico em Murilo Rubião. Revista Planeta, São Paulo, n. 25, set. 1974.

TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. São Paulo: Perspectiva, 1980.